

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 16 de Novembro de 1856.

N. 12.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XII.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

XIII.

Dissemos que entre os captivos que ficaram em poder de Viriato, após a derrota de Negydio, havia um mancebo por nome Lucio Emilio. Promettemos dar conta do fim que lhe deram os Lusitanos; vamos cumprir. Era costume d'aquelle tempo queimarem-se os corpos dos finados, o que feito encerravam-lhe as cinzas em uma urna a qual era depositada no tumulo. Lucio participou d'esta cerimonia, e sobre a lousa de sua sepultura gravaram estas palavras: Os Laucienses puzeram em lugar publico uma base com a estatua e as cinzas de Lucio Emilio, filho de Lucio, que morreu n'uma batalha de Negydio contra o *saltador* Viriato, ferido por um inimigo. Foi-lhe posta pelo honrar, e mostrar com elle magnificencia por ter sempre amparado e defendido sua Republica. Estas e outras lapides provam a bondade de alguns Lusitanos que não seguiam o partido de Viriato, e referem Moraes e Resende que perto de Lamego se acharam muitas iguaes.

XIV.

As duas batalhas que temos consignado contribuíram para o enfraquecimento completo do poder de Roma n'esta parte de Hespanha. Do seu valor tão laureado restavam apprehensões desfavoraveis, e a fama de Viriato corria de boca em boca, hindo até á capital, Romana onde produzia o effeito que era de esperar. Aos poucos infantes que escaparam da segunda derrota vieram juntar-se mil homens de cavallo, que resolveram procurar Castella, onde tinham muitas cidades que lhes eram affeiçoadas. Viriato encaminha-

va-se para o Alemtejo; aquelles marchavam socegados pois que as montanhas se achavam desembaraçadas. Entretanto hiam assolando algumas aldeias para que se não dissesse que a sua marcha tinha um caracter de fuga. Proximos da fronteira encontraram-se com trezentos *Beirões* que se recolhiam ricos de gloria e de despojos. Os Romanos á vista de um numero tão insignificante acharam a occasião asada para tirarem desforra. Os Lusitanos conheceram das suas intenções, e vendo que eram cercados por todos os lados subiram a uma eminencia, despojaram-se das roupas que os incommodava e aguardaram a cavallaria que começava a mover-se contra elles, tendo-lhes já ferido alguns. O encontro foi terrivel, e os Romanos deixaram o campo em poucas horas com a perda de trezentos mortos. Os Lusitanos perderam setenta. Uns e outros perseguiram a sua viagem, mas d'ali em diante os nossos souberam-se haver por tal modo que não foram mais inquietados. Foi perto do lugar em que se passou esse successo que Raymundo refere a gentileza e bravura de um Lusitano, que recolhendo-se para sua casa carregado tambem de despojos, foi perseguido por alguns soldados Romanos de cavallo, que pretendiam rouba-lo. Aquelle em lugar de fugir como os inimigos esperavam que fizesse, parou em certa altura esperando a aproximação de um cavalleiro que se adiantara dos outros. Tão depressa o vio ao alcance do seu *arremessão*, desfechou, e homem e cavallo rolaram no chão. O Lusitano não contente com isto puchou da espada, e de um só golpe cortou a cabeça d'aquelle. E sempre a sangue frio entrouxou o fato que pousara em cima de uma pedra, e fazendo uma cortezia ironica aos Romanos, retirou-se. Estes ficaram tão admirados d'acção do montanhez, que entenderam não dever perseguil-o. Além de Raymundo, Paulo Orozio relata este facto. Ha em Alladio a narração dos feitos de algumas mulheres Lusitanas; não podemos subtrahir-nos ao desejo de os consignar tambem, por isso vamos fazel-o, porque elles tem relação com o fim a que nos propozemos escrevendo estes apontamentos sobre o primeiro heroe Lusitano. Eis o caso. Entré as muitas sortidas que os Romanos fizeram pelos lugares em que a

presença de Viriato era impossível, houve uma tão bem combinada que as mortes e os roubos passaram além de tudo que se pôde imaginar. Depois d'estes e outros excessos roubavam as donzellas, que entregavam de novo, mas violadas. Em umas das suas excursões levaram trezentas mulheres, além de maior numero de homens. Para estes a vigilancia era extrema, com aquellas porém contentavam-se em atar-lhes as mãos, persuadidos de que seria sufficiente para as conservarem em quietação. Ellas achavam-se já fóra do territorio Lusitano, e tendo maiores danos concertaram entre si dar cabo dos seus inimigos. Esperaram a noite, e logo que os Romanos dormiam a somno solto, começaram a pôr em pratica a sua resolução. Algumas das mais corajosas, á custa de muitos esforços, conseguiram destruir com os dentes os nós que as ligavam. Isto feito continuaram a livrar o resto, e em pouco tempo não existia uma só amarrada. Os homens avisados por ellas previniram-se, mas faltavam-lhe armas. Aquellas remediaram de prompto este inconveniente, pois que puderam desarmar uma grande parte dos inimigos. Os Romanos surpreendidos procuravam arrostar o combate bem combinado d'aquelles que ainda ha algumas horas eram captivos. O resultado porém foi-lhes fatal, porque a noite estava escurissima, e elles feriam-se uns aos outros. Tal era o desejo de vingança da parte dos Lusitanos, que os primeiros, pensando que era Viriato que os combatia, fugiram desordenadamente, deixando as armas e os despojos em poder das corajosas mulheres, ás quaes pertencia a melhor parte d'esta victoria.

(*Continúa.*)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(*Continuação.*)

Lourenço ficou a sós. Volveu em torno de si olhares prescrutadores, e depois de ter feito um rapido exame na sala em que se achava, sentou-se perto de uma mesa onde havia o necessario para escrever.

Os movimentos do malvado, as suas irresoluções e um não sei que de extranho em sua phisionomia, revelavam que um combate terrivel se dava em seu espirito.

Deu meia noite. Lourenço estremeceu, levantou-se, e começou a passear de um lado ou outro.

De momento a momento parava, reflectia, e tomava de novo o seu passeio preceptado.

Vamos, disse elle, por entre dentes; preciso d'este papel, a occasião não pôde ser mais bem escolhida, hei de possuil-o ainda que seja preciso arrancar-o á força!

E sentou-se de novo á mesa, pegou na penna e papel, e traçou rapidamente algumas linhas.

Assignará ella? d'esse, depois de ter lido o que havia escripto. Ha-de assignar, proseguio com um sorriso odioso, tenho-a em meu poder, e costumo ser inhabalavel em minhas resoluções.

A porta do quarto a que Luiza se recolhera estava aberta, Lourenço vio a joven que dormia placidamente, e o mesmo sorriso de odio lhe pairou nos labios. Approximou-se da cama, e contemplou a infeliz menina por algum tempo.

Luiza... Luiza, disse aquelle em vós alta. Não obteve resposta. Luiza... Luiza repetio, puchando-lhe por um braço. Ella accordou, e vendo Lourenço que segurava um papel na mão, encobriu-se entre a coberta de rico damasco encarnado. Que significa esta creancice? perguntou elle.

Pelo amor de Deos, deixe-me dormir descansada, respondeu Luiza, procurando retomar a sua primitiva posição.

Lourenço obstou-lhe, empregando quasi que a força.

— Que pertende de mim, senhor?

— Que assigne este papel.

— É que contem esse papel.

— Uma declaração com que se poderá provar que a não raptei, e que foí a senhora pelo contrario que me acompanhou espontaneamente.

— E pode pensar em tal?

— Tanto pensei que tenho aqui a declaração e a penna para escrever-lhe seu nome.

— Assignar um papel d'esses, eu? ...

Na verdade, disse Luiza com ironia, sou obrigada a confessar que esse expediente faria honra ao diplomata mais consummado; é uma d'aquellas idéas que occorrem pouco.

— Deixemos-nos de observações, quero este papel assignado.

— Infelizmente tenho de perder esta noite, disse Luiza com um maravilhoso sangue frio. Conversemos, proseguio ella sentando-se na cama vestida.

Lourenço ficou extremamente surpreso do tom com que o joven pronunciou estas palavras. Já não era essa fraca mulher que implorava um gesto ou um sorriso de compaixão; agora disputava-se a lutar; por um extranho e secreto impulso ella achava palavras de ironia pungente destinadas a penetrarem como um ferro em brasa no coração de malvado, e este teria talvez de succumbir.

— Eis aqui a penna— assigne.

— Bom, começo a crer que tenho de por-me a pé; será conveniente; sabe que n'esta posição é

difficil escrever cousa com geito. Quer ter bondade de chegar-me esses sapatos?

Lourenço, resolvido a ver o desfecho d'esta comedia, pegou nos sapatos que lhe pediam, e quiz calçar-lhos. Ella porém embargou-lhe o movimento, e com um certo ar de galanteria escondida, deu-lhe uns pequeninos e elegantes pés.

Pegou no chale que tinha pendurado perto da cama, envolveu-se n'elle, e n'um momento estava na sala.

Lourenço acompanhou-a, a alguns minutos que elle mordia os beiços até deitarem sangue. A ironia de Luiza produzia seu effeito.

— Para assignar esse papel, disse ella sorrindo-se, é mister que leia; vejamos.

E estendia a mão para o tomar....

— E por que não lerei eu?

— Pouco importa, mas desejava fazel-o.

Aquelle deu-lhe o papel.

— Mas agora me occorre uma cousa, tornou a joven, antes de começar a leitura; não acha que seria mais conveniente que eu escrevesse a declaração?... isto de assignatura em um papel d'esta importancia dará lugar a suspeitas.... soppo-nha que lhe dizem que foi conseguido por meios violentos.... o que ha-de responder?....

— Isso diz-me respeito, assigne e o resto não lhe dê cuidado.

— Uma vez que assim o quer!...

— E Luiza começou a ler.

Lourenço seguia-lhe todos os movimentos, porém não pode conhecer da impressão que a leitura produzia no espirito d'aquella.

— Com effeito, está perfeitamente escripto, um advogado não o faria melhor. E' pena que não possa conservar-se....

Não acabou. Como se fizesse a cousa mais natural d'esta vida rasgou o papel em duas partes e deixou-as cahir no chão.

Os olhos de Lourenço brilharam de furor! A surpresa fôra tão bem preparada que elle não pôde sustel-a.

— Que fizestes, desgraçada?! exclamou elle com raiva.

— O que merecia uma semelhante proposição. Em lugar de recusar, entendi que era melhor destruir o instrumento d'ella. Comprehende que não quero, e Luiza carregou n'estas palavras, que não quero assignar semelhante declaração.

— E se eu te obrigar?!

— Como?... desejava vêr isso!

—Entretanto estás em meu poder.

— Assim é, porém a Luiza de hontem não existe mais; ao presente ha uma mulher promp-

ta a defender-se, e a pedir socorro.... não estamos na mata.

— Na mata foi um caprixo que procurei satisfazer, aqui é uma vontade...

— Que por minha parte não satisfarei.... que se diria ao saber-se que desci a ponto de assignar a minha condemnação?....

Sabe uma cousa?... admiro-me de mim mesma ... siuto-me tão forte e corajosa, que o desafio a provocar-me!

— Luiza, disse Lourenço em tom quasi supplicante; tenho sido um infame, não o nego, tenho te martyrisado, tambem é verdade, mas eu amavate.... impelliste-me ao crime como teu desprezo; um homem como eu não póde ficar impassivel. O amor converteu-se em odio, e procurei vingarme. Agora que calculo o precepicio até onde me arrastei, agora que os remorsos começam a perseguir-me, quero dar-te a liberdade; assigna a declaração, e amanhã estarás em casa de teu pai?

— E a minha honra, quem ha de restituir-m'a?

— E' tão facil fazer acreditar n'ella!... algumas palavras de teus labios, e ninguem ousará contestal-a.

— Oh sim, tem razão Sr. Lourenço... rapta-se uma mulher, conhece-se o raptor, e a sociedade, por confissão da victima, acredita que ella volta pura como sahio da casa de seu pai! E' com effeito raciocinar logicamente.

— Entretanto....

— Aborrece-me isto já; perdi o somno—continuemos a viagem.

Lourenço fingia representar o papel de victima, elle pensava commover Luiza, porém as armas voltavam-se contra si. A joven lançava-lhe olhares de uma ameaça tal, que o malvado duvidava. A posição era por de mais critica, assim resolveu-se a sahir d'ella.

— Uma vez que o lembraste, disse Lourenço com vós tremula pela raiva, vaes escrever a declaração conforme eu te ditar....

— Luiza respondeu-lhe com um bocejo. Então? O mesmo silencio. Em fim não ha remedio...

Lourenço approximou-se da janella, levantou a vidraça e olhou para fóra; a noite estava escurissima.

— Não importa, disse elle por entre dentes, conheço perfeitamente o terreno.

Luiza olhava-o a furto.

(Continúa).

O Dominó Encarnado.

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Expliquemos em algumas palavras as relações do bravo e de Pepita, e a ignorancia d'esta sobre a horrivel industria de seu desposado. O nome do terrivel Venesiano era Beppo Conti; seu nome de guerra era *Lourenço*, de que por uma abreviação habitual na Italia se tinha formado Renzo; *Mammone*, como já sabemos, era o seu appellido. A familia de que *il Mammone* era a ultima vergonteia era aparentada com a de Pietro, pai de Pepita. O joven Beppo crescera debaixo das vistas do soldado que lhe votava eterna affeição. Uma parálisia, consequencia de suas longas campanhas e numerosas feridas, veio pregar Pietro em sua poltrona, e deixar Beppo entregue a si mesmo, com uma alma ardente e cheia de energia capaz de boas ou más acções, com identica impetuosidade. Uma sabia direcção teria-o feito trilhar uma vereda honrosa e recta; a fatalidade arrojou-o ao crime. Dizemos a *fatalidade*, por ser um incidente vulgar que decido de toda a sua vida e votou ao mal seu porvir. Um rico senhor acabava de substituil-o nas boas graças de uma bella pequena. Com uma cabeça menos fervida, Beppo teria agradecido em silencio a bargã de sua esmola amorosa, e safar-se-ia sem bulha. Quiz dar escandalo e foi vergonhosamente expulso pelo screados de sua ex-amante. Nesse dia, pela vez primeira, Beppo pensou na vingança, mas vingança leal e franca. Dirigio-se no dia immediato á casa de seu rival do acaso, e propoz-lhe um duello, o fidalgo julgou-o louco, e mandou atiral-o pela porta fóra por seus lacaios. Desde este dia, seu odio para com um só resaltou sobre a casta inteira. Um horror profundo para tudo o que era riqueza e aristocracia se empossou de sua alma e subjogou seu pensamento.

Desde esse dia, alistou-se nas fileiras dos *bramas*, nem por isso se interromperam suas relações com Piétro e Pepita. Sua affeição fraternal para com a mocinha converteu-se, pouco a pouco, n'um amor de desposado, n'um amor que encheu sua alma e que frequentes vezes o perseguiu com um remorso, no meio de seus actos abominaveis. Teve medo da justiça divina! Suppoz que o céo não podia permittir a amalgama de tanta pureza e candura, com tanta preversidade e infamia! Quiz arrepiar carreira, mas embalde. O principio era ingreme, e como acabava de dizer a Pepita, o sangue reclamava sangue! Procrastinava pois

seu consorcio, e contava morto que fosse Piétro, atirar com seu punhal ao mar, e conduzir a joven para algum paiz remoto onde não houvesse penetrado seu sanguinolento renome. Nada era mais simples, alem disto, que a ignorancia de Pepita a seu respeito: quasi nunca sahia, não conhecia ninguem, Renzo vinha sempre mascarado. Para explicar-lhe esta circumstancia, tinha-lhe dito que estando compremetido em um negocio de contrabando não podia apparecer de rosto descoberto.

A ingenua menina não concebeu sequer a sombra de uma duvida ou de uma suspeita. A conservação dos dois jovens, interrompida por um momento, continuou por algum tempo ainda, depois o bravo disse a Deos á sua querida, lançando em torno de si um olhar circumspecto antes de internar-se pelo caes. A pouca distancia avistou encostado ao muro um homem vestido como elle, que parecia prescrutar a porta da casa de Pepita. Renzo deu alguns passos. O homem mascarado o seguiu. Renzo parou. O mesmo fez o desconhecido. Continuou a andar. O desconhecido imitou-o. O bravo, vendo este manejo, retrocedeu, parou em frente do individuo e lhe disse: — Que me quereis? — Cousa nenhuma. — Vós me seguís todavia.

— Eu! — Sim. — Eu não vos sigo — Nesse caso segui vosso caminho!

— E com que direito me fallais desse modo?

— O caes pertence-vos tanto como a mim, creio eu!

— Sois um espião!

— E que vos importa?

— Nada, se vós não occupais de mim: mas lembrai-vos bem disto: não me sigais, não deligencieis saber quem sou, donde venho, nem para onde vou, porque vos aconteceria alguma desgraça. E o bravo, alongando-se com presteza, saltou em um pequeno batel que elle amarrara perto dalli, descreveu alguns circuitos por entre as gondolas, tirou sua máscara, mudou de gorra e voltou ao caes, sem ter notado que tinha sido acompanhado em todas as suas evoluções, por um batel exactamente similhante ao seu e montado por um só homem. O desconhecido tinha-se retirado, mas passados cinco minutos, Grizzo reunindo-se sobre a *Piarzetta* a seu amo, ainda disfarçado, lhe dizia: — Oh! ignore, ignore, acautelai-vos!

Porque? Sabeis quem é o amante de Pepita!

E o que tem isso?

O que tem? é que é *Renzo Mammone*!

IV.

O DUELLO.

Como era de esperar Jorge de Chivry não esqueceu, no dia seguinte á noite, a serenata pro-

mettida á bella Helena. Contractou pois para essa noite um certo numero de musicos que fez collocar em um barco grande, e elle embarcado em uma outra gondola, os dirijio para o lado do palacio Fornasari. Avallie-se a sua surpresa e descontentamento, quando ao abicar vio o lugar tomado por um fidalgo, vestido de preto e mascarado, garganteando a gosto. Jorge mandou inabobrar de modo a abordar a gondola rival e disse ao primeiro, chegando: Sem duvida enganais-vos no balcão, cavalheiro? — Por certo que não, signore. — Nesse caso, como perdeis o vosso tempo, e vossas trovas, dai-me o prazer de mover os remos e levar a outra parte vossas languidas melodias. — Eu ia pedir-vos a mesma cousa. — Sabeis que isto é um insulto, senhor? Não sei, signhore! — Emfim um de nós é demais aqui. — E' o que eu penso. — Então iremos juntos! Trazeis a vossa espada? Sim signhore. — Estou ás vossas ordens. Entretanto, peço-vos um minuto? E o cavalheiro francez não querendo retirar-se sem effectuar seu galanteio, ordenou aos seus musicos de preluviar. Depois inspirando-se da circumstancia cantou a eopla seguinte, pessima, porém desculpavel:

Oh! não chora
Se a demora
Me fizer muito esperar
Meu barquinho
Voga asinho
Qual vò a pomba no ar,
Teu amante
N'um instante
Tem esperança de voltar,
Pois dormir
Sem me ouvir
Não pode Helena lograr.

Os dous barcos partiram com rapidez, e depois d'alguns instantes arribaram ao cães deserto de que fallamos a proposito de Mammone. Os rivaes dirijiram-se para um recinto em que os raios da lua se retractavam. Um homem que a sombra projectada pelo frontespicio do palacio tinha occultado até então, marchou silencioso para elles; mas ao vel-os desembainhar suas espadas e atirar com suas capas no chão, ausentou-se murmurando: — Não precisam de mim! Era Renzo. Jorge poz-se de guarda. Seu adversario imitou-o. As espadas cruzaram-se, e a luz reflectindo sobre seu aço brunido pareceu fazer saltar faiscas com que se illuminou a penumbra. Já algumas estocadas haviam sido aparadas com igual destreza, eis que o Francez sentio de improviso a espada do Venesiano tremer ao tocar na sua e recuar um passo. — Que fazeis? lhe gritou elle. Sois fidalgo? A esta palavra o Venesiano pareceu reassumir um pouco de firmeza, porém não tardou que o medo prevalecesse, continuou a re-

cuar, e acabou por escafeder-se, deixando sua capa no chão. — Sois cobarde! infame cobarde! vociferou Jorge. O outro ouviu-o perfeitamente, mas nem por isso deixou de tomar as de Villa-Diogo, e saltando na sua gondola partio como uma frecha. Como terão presuppuesto, era Camillo. — Damnado Francez! dizia elle consigo; maldito espadachim! porque não havia de fallecer a coragem de enterrar no peito tres pollegadas de minha adaga! Mas paciencia! paciencia! ainda ha bravis em Veneza! Jorge foi terminar placidamente sua serenata sob as janellas do palacio Fornasari. Remettamos por um instante ao silencio o barão de Chivry, Helena e os amores patricios, para nos entreter-mos da linda e pobre Pepita. Camillo era indubitavelmente mais destre seductor, do que brioso duetista, assim nada omittio que pudesse facilitar-lhe a conquista da moça. A começo, e já certamente se tem penetrado seu designio quando se ouviu pedir a Grizzo, n'um dos primeiros capitulos desta historia um vestuario completo de pescador; a começo, dizemos nós, trajando a libré da plebe, escogitou todos os meios de chegar-se da noiva do bravo. Era difficil, porém o que é que as artimanhas d'um *D. João* de profissão não conseguem? Cada vez que Pepita pisava o limiar da porta, divisava a figura do pescador desconhecido, e insensivelmente não pode isentar-se de admirar essa belleza delicada e patricia, mais prespicua talvez sob vestes grosseiras, que sob veludos e sedas. E depois esse lindo mancebo contemplativo, estava alli por sua causa. Não lhe era possivel a duvida, pois que elle se retirava jubiloso quando a entrevia. Em breve Pepita não pode mais pensar em seu noivo sem evocar o rosto pallido e encantador do mysterioso pescador, ao lado do semblante triogueiro de Beppo. Após as duas imagens afluíam juntas, e depois a de Beppo surgia sempre em segundo lugar. Amou Camillo e lho disse, mas declarou-lhe ao mesmo tempo que nunca pertenceria se não ao homem que a conduzisse ao altar. O fidalgo nimiamente sceptico relativamente á honra das mulheres, tomou isto pelos esforços posthumos d'uma resistencia expirante. Decorreram assim muitas semanas.

(*Continua.*)

POESIAS.

A ti.

A ti, oh linda donzella,
A ti, oh visão celeste,
A ti que n'um teu sorriso
O coração me prendeste.

A ti que me tens roubado
O secego e paz d'outr'ora,
A ti que por teus encantos
De meu peito és a senhora.

A ti que dentro em minh'alma
Predeste paixão ardente,
A ti que nem por momento
Foges desta tristemente.

A ti, oh casta deidade,
Doce typo de candura,
A ti que me envolves n'alma
Mil idéas de ventura.

A ti que és deste meu peito
A terna imagem querida,
A ti que n'um meigo gesto
Dás vigor á minha vida.

A ti a quem nem me é dado,
Dizer-te minha paixão,
A ti por quem noite e dia
Trago afflicto o coração.

A ti que em mimosa prenda
Os meus annos celebraste,
A ti que de gratidão
A minh'alma inebriaste.

A ti, oh flôr de ventura,
A ti rosa sem espinhos,
A ti que em teu casto seio
Brincam ternos cupidinhos.

E' pois a ti que eu offerto
Meu amor e lealdade,
A ti, oh virgem celeste,
Pura imagem da bondade.

A ti emfim que és meu ser
Minha sincera ffeição,
O que te posso offercer ?
Alma vida e coração.

Bio, 29 de Outubro de 1856.

M. C. BRAGANÇA.

Cahiste.

A M***

Vamos, se pódes vaidosa
Ergue essa fronte orgulhosa
Que já soube dominar !
Mas tu choras, despresada,
Que te resta ?.. nada, nada...
Sempre assim hasde chorar !

E pude amar a vaidosa
Que outr'ora tão formosa
Os incautos fascinou ?!..
Os incautos... foram tantos !..
Eram loucos... d'elles quantos
Um dia de gozo logrou?..

Como eu te consagravam
Terno amor, e desprezavam
Outras bellas, só por ti;
Elles julgavam colher
De teus encantos prazer,
E o porvir lhes sorri.

Sorri-lhes a vida, e flores
Matizavam os amores
Em que andavam embebidos;
Porém cedo o desengano
Sobreviveu bem insano,
Foram tambem illudidos.

Illudidos—tu vaidosa
Assomavas pressurosa
No meio do seu martyrio;
Era esse olhar de rainha
Que n'elles imperio tinha
Impellindo-os ao delirio.

Quem te visse então zombar
D'aquelle que por te amar
Committera um negro crime;
Diria: terás um máo fim
Pois que se não zomba assim
D'esse que d'esquecer se exime.

Mas eximir o coração
De amar, se foi intenção
Que d'elle pura nasceu ?!..

Alimentou-o a esp'rança,
Mas em lugar da bonança
Veio a tormenta—morreu!

D'ahi vem o soffrimento
Que devora a fogo lento
Uma existencia querida;
Foi de ti que a dor partio
E o desgraçado não vio
Que se lh'extinguia a vida!

Começa a vida a esgotar-se
Pela dôr que vae finir-se
Na campa que tu lhe abriste;
Foi um martyr!.. caprixosa
Levantas a fronte orgulhosa,
E ao vel-o morto—sorriste!

Pois sorri-te—muito embora
Pois que n'esta fatal hora
Não ha pr'a ti compaixão!
Cortezã, abaixa a fronte
Antes que á turba te aponte,
E te diga—maldição!..

Cahiste, e na tua quêda
Aquellas que esta vereda
Seguem contigo, levaste;
Tua corôa de rainha
Nada tem do que então tinha,
Tem espinhos no engaste.

Chora pois,—já stou isento
D'esse vario sentimento
Que apellidaes de amor;
Busco, sim te perdoar
E nosso passado olvidar
Porque conhecestes a dôr...

Rio, Novembro 1 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

No album do meu amigo

O SR. MIGUEL CORREA BRAGANÇA.

Queres, oh caro amigo, que eu deponha
Esta triste florsinha no teu album?
Que vae ella fazer mirrada e triste

Onde tantas existem mais viçosas?!..
Mas embora viçosa ella não seja
Eu t'a dedico assim triste e mirrada
Tal qual a produzio meu peito,—aceita-a!
É de todas aquella que eu mais amo,
Como prova de estima eu t'a consagro.

☉ suicida.

RIMANSE.

Lá n'um monte alcantilado
Entre um outeiro fechado
Vio-se lá em noute escura
Junto d'uma sepultura
Um mancebo ajoelhado.

Amargo pranto vertia
Que deslizando corria
De seus olhos té ao chão;
Entre a magua e afflicção
Suspirando assim dizia:

« Ouves Julia um triste som
« Lá ao longo d'amplidão
« Que tão brando e tão sentido
« Elle fere o meu ouvido
« Com tão terna mansidão?

« Ouves as aves piar?
« Ouves o mocho ulular?
« E tambem a negra estije
« Que meu coração afflige
« Com seu sinistro gritar?

« Vês o raio fulminar?
« Ouves tambem estalar
« O fremitoso trovão,
« Que com ruidosa explosão
« Já lá rebenta no ar?

« Não onves porque na terra
« Teu gelado corpo encerra
« Esta lousa tão pesada,
« Aqui na rocha gravada
« Desta alcantilada serra!

« Nem vês meu pranto sentido
 « Que tanto tenho vertido
 « Sobre a tua campã fria,
 « Toda a noute é todo o dia
 « Sempre á sua cruz unido !..

« Sem ti não posso viver
 « Oh! meu anjo vou morrer!..
 « Vou morrer junto a teu leito,
 « Este punhal em meu peito
 « Vou té ao cabo embeber! ..

« Julia minha pede ao ceu
 « Que devise o corpo meu
 « Alguma alma caridosa,
 « E que o lance piedosa
 « Lá onde descansa o teu!

O bardo infeliz se calou,
 Agudo ferro cravou
 Em seu coração constante,
 E seu corpo agonisante
 Sobre a terra alfim rolou!..

Triste gemido soltou
 Seu peito que tanto amou ;
 Suas desditas findaram
 Suas lagrimas seccaram
 O seu penar acabou !

Entre os mortos assomou
 Negro vulto, apoz orou
 Por alma do sem ventura,
 E na fria sepultura
 Seu cadaver arrojou...

Uma lagrima verteu
 Entre um bosque se escondeu
 Dizendo mui commovido
 « *Teu desejo está cumprido*
 « *São as decretas do ceu!*..

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

No album do meu amigo.

João Dantas de Souza.

ANALIA.

Nubivaga andorinha, qu'eu não possa...
 Balouçar-me em teu dorso o ar fender,

E na senda veloz de teu destino,
 Vencer meu pensamento :

Alipede zingrar serenas auras,
 E n'aquelle rozal qu'eu d'alma vejo,
 Scismando iria olhar de vagos sonhos,
 N'um anjo a minha Analia :

Meus suspiros prendera em seus suspiros,
 D'aquelles hymnos, que do séio arfante....
 Desprende terna, de languor sublimes...
 Que só anjos traduzem

No mago enlevo de seu doce olhar
 Unira a chamma que me acord'a vida,
 E nos seus labios tão de amor replectos,
 Meu oscl'o morreria !

Parar no seu perfil meus devaneios,
 Ardentes possuir mysticos gozos,
 Julgar seu coração como conheço
 Pervias folhas d'este album.

ANTONIO JOAQUIM DANIEL DO PRADO.

Soffrimento.

Que martyrio, oh meu Deus!
 Ai que dores, que soffrer!
 Eu não sei que culpas tenho.
 Para tanto padecer

Sinto em mim os soffrimentos
 Preludios de lenta morte,
 E no leito, entre martyrios
 Morrerei, que triste sorte !

E com tudo ás vezes tento
 Esquecer esses presagios,
 Penso então horas inteiras
 E um nome sahe dos labios

Em Deos a fé, e a esperança
 Tão cedo não perderei,
 Sinto a vida renascer,
 Minhas preces acolhei

Acolhei-as Deos piedoso
 Sou bem joven pr'a morrer,
 Dai-me as forças que não tenho,
 Extingui o meu soffrer.

Setembro de 1856.

F. T. L.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
 Rua da Alhandega n. 210.